

Ademir Pascale
Organizador

CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



Volume III

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-88282-6
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

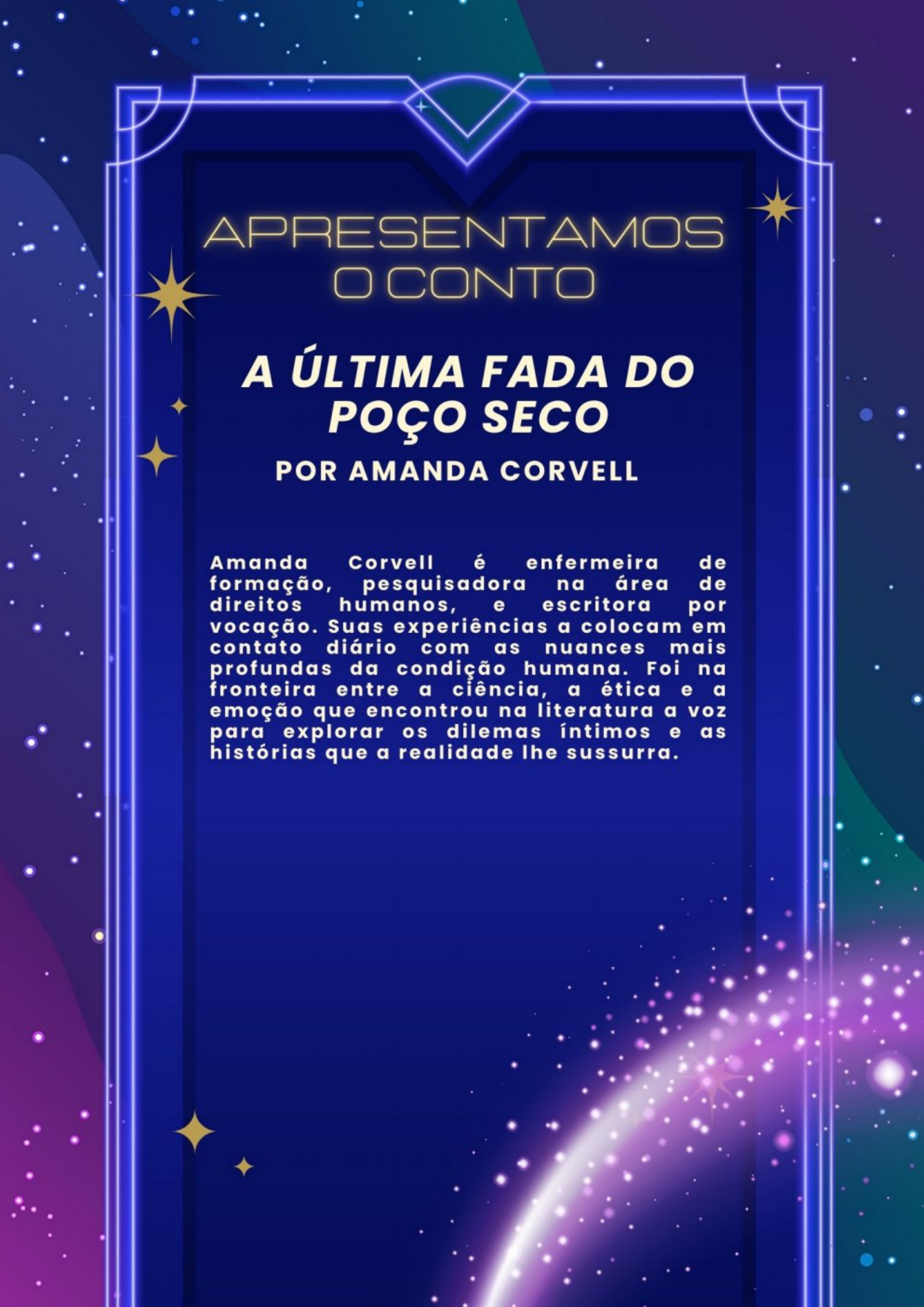
CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

A ÚLTIMA FADA DO POÇO SECO, POR AMANDA CORVELL, PÁG. 05
O AZUL DA ALMA, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 08
A HÓSPEDE DO QUARTO INDIVIDUAL, POR DENISE PERES MARTINS, PÁG. 10
7 SABEDORIAS, POR FLAVIO JOPPERT, PÁG. 15
A ESCRITORA, POR ILKA MEIRELES, PÁG. 19
ERA UMA VEZ UM CASTELO, POR LEO SETH, PÁG. 23
ELIAS E O RELÓGIO INVISÍVEL DO MUNDO, POR PAULYNE KALIL, PÁG. 26
MEMÓRIAS DE UM JARRÃO DOURADO, POR ROMÃZINHA MARIA, PÁG. 31
OUTRO MUNDO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 34
MEIO DE NOITE, POR SELMA LUANNY, PÁG. 36
O ESPELHO, POR SOPHIA ODARA, PÁG. 38
ALVIM, O GUARDIÃO DO BOSQUE ENCANTADO!, POR TATIANE DA SILVA PEREIRA
VEIGA, PÁG. 43
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 46

Ademir Pascale
Organizador

CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS

Volume III



APRESENTAMOS
O CONTO

**A ÚLTIMA FADA DO
POÇO SECO**

POR AMANDA CORVELL

Amanda Corvell é enfermeira de formação, pesquisadora na área de direitos humanos, e escritora por vocação. Suas experiências a colocam em contato diário com as nuances mais profundas da condição humana. Foi na fronteira entre a ciência, a ética e a emoção que encontrou na literatura a voz para explorar os dilemas íntimos e as histórias que a realidade lhe sussurra.

Dizem que a lua, cansada de iluminar um mundo que não a via, se refugiou no fundo de um poço.

Atrás da antiga olaria, onde trepadeiras se enroscavam nos tijolos velhos e o vento carregava lembranças de chuvas esquecidas, morava Lunara, a última fada do Poço Seco.

Seu corpo, que já foi pura luz de lua, era agora uma névoa trêmula e pálida. Quase um segredo. Ela guardava a memória das chuvas que não voltavam e das florestas que o homem apagou do mapa. E esperava. Sempre esperava por um sinal de que a magia ainda tinha lugar.

Um dia, apareceu Antônio. Menino de mãos sujas de barro, catando o que sobrou para levantar as paredes de casa. Quando se curvou sobre o poço, não viu seu rosto. Viu os grandes olhos fundos de Lunara, dois lagos noturnos que pareciam chamar pelo invisível.

Ela não dizia uma palavra, mas aquele olhar segurava Antônio com uma força calma. O menino, que nunca teve amigos, começou a visitá-la todas as tardes. Contava histórias: do pai que foi embora, do cachorro que morreu, da terra que rachou de sede. E Lunara respondia com sonhos que vinham da água: de seu corpo trêmulo brotavam flores de luz, faíscas azuis dançavam no ar parado e o canto de um sabiá extinto ecoava do fundo, como se o tempo guardasse segredos só para eles.

Só que cada visita custava um pedaço dela. Cada palavra humana apagava um raio de luz lunar. Quando Antônio percebeu, ela mal brilhava — um fio de fada prestes a desaparecer. A água do poço recuava, como se ela própria se retirasse, invisível e silenciosa.

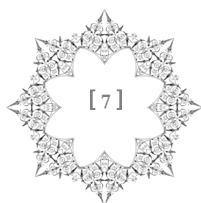
— O que eu posso fazer? — ele perguntou, quase sem voz.

Lunara ofereceu-lhe um último sorriso, frágil como asa de libélula: — A magia morre quando o mundo deixa de acreditar — disse. — Mas renasce nos corações que ainda percebem o invisível, que cuidam do que ninguém mais vê.

Então, sua forma se desfez em partículas de sonho, levadas pelo vento. Luzes que se apagavam devagar na memória do poço.

Na manhã seguinte, choveu pela primeira vez em anos. E na beirada do poço, nasceram pequenas flores brancas, delicadas como luar. Flores de lua.

Dizem que se você se inclinar e escutar com o coração, no silêncio da noite, uma centelha de luz responde: — Ainda estou aqui. Não no que se vê, mas no que se sente.



APRESENTAMOS O POEMA

O AZUL DA ALMA **POR AMILTON CONTÉ**

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância em África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo.

Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou uma grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

2022 As Mágoas que magoam

2023: 50 Vidas Silêncio das almas perdidas

2024; Eu o poeta

2024; Antologia (Contos e histórias daqui e do além)

2025; Amor Sublimado dum poeta Antologia

2025; Minha história para o mundo

2025; Mistérios contos e poemas vol. III

2025; Cartografia dos afetos amor é um acto político.

Homenagens

2022; Gala de Homenagem II edição No sta djunto

2025; O Prémio Literário Internacional Suisse Excellence

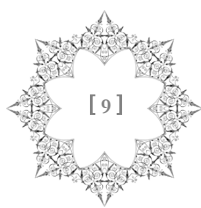
2025; Homenagem por mérito O Prêmio Afro events Luxemburgo

Enquanto alguns discutem a intensidade
Não, é azul escuro não, é azul claro, como?
Essa é a minha pergunta sim é que eu como
O escuro, sem ver esse azul da humanidade

Há quem afirma em palavras essa beldade
Como são os azuis dos olhos refletindo íris
Esse que cobre o horizonte com o arco-íris
Planeta azul assim estabilizou em velocidade

Yuri Gagarin deu a volta ao céu de cor azul
Esqueço da cadela Laika que ficou no azul
Regando tristemente essa cor da alma azul

O escuro tem o azul da nossa imaginação
O cego só enxerga o que lhe vai na alma
Esse azul da alma é esse que nos acalma



APRESENTAMOS
O CONTO

**A HÓSPEDE DO
QUARTO INDIVIDUAL**
POR DENISE PERES MARTINS

Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês), Escritora, Licenciada em Pedagogia.

Amante das Letras. Operadora das leis. Investigadora de arcaísmos/preciosismos. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Amante do imagético, da eternidade, do amor atemporal, dos dias estrelados e das noites com sol.

Instagram: @escritoradeniseperesmartins

Facebook: Denise Peres Martins – Poetisa

<https://www.facebook.com/denise.peres.martins.1?mibextid=ZbWKwL>

Linkedin:

<https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>

Vou contar para vocês uma estória estranha. Muito estranha. Estranhíssima.

Tem gente que pode morrer de susto. Morte matada. Ou morte morrida.

Era uma vez uma casa. A Maison Charlotte. Sim. Ela tinha nome próprio como tudo por lá.

Repleta de cortinas de seda, candelabros, vasos floridos.

Atmosfera envolvente que nos fazia querer ficar um pouco mais. Eu ficaria para sempre se pudesse.

A residência tinha perfume de lavanda e elementos mágicos.

Ao menos pareciam mágicos ou assombrosos se preferir.

Cheguei lá por um mero acaso e nunca mais consegui sair. Ou quase isso.

No primeiro dia que visitei a residência, recebi um quarto só para mim. Que felicidade. Não teria que dividir com ninguém.

Percebi que havia quartos com 2 ou até 3 pessoas.

Que sortuda eu sou, pensei. Ou talvez fosse falta de sorte.

A Maison parecia ter parado no tempo. Decoração vintage. Objetos de época.

Mas, o preço era barato e perto do trabalho.

No meu quarto tinha uma estante com bonecos. Fadas, bruxas, gnomos, ratas bailarinas e outros seres que eu não sei dizer o que eram.

Apelidei as ratas bailarinas de Chanel. Ficamos amigas. Muito amigas. Confidentes.

O café da manhã era servido no jardim de inverno. Estranhíssimo também. Tinha umas estatuas nos olhando enquanto comíamos. Elas até salivavam.

Sentei ao lado da Joana. Ela puxou papo. Perguntou se eu estava gostando do quarto individual.

Eu respondi que sim. Claro. Sou muito sortuda por ter conseguido aquele quarto.

Joana riu da minha resposta e falou: — *Boa sorte com seu quarto individual!*

Que mulher besta. Deve ser inveja, pois ela dividia o quarto com varias pessoas.

Segui minha rotina.

Do trabalho para ginastica aeróbica. E depois para casa.

Vida de secretaria solteira e sem filhos é assim.

Mas não me sentia sozinha. Sempre passeei bastante. Mais do que devia.

Toda noite a Maison ficava tão silenciosa e com luz baixa. Quase escuro.

Eu sempre chegava tarde e não entendia o que aquele povo fazia tão cedo na cama em cidade grande.

Mas no meu quarto as coisas eram diferentes.

Toda noite eu sonhava tanto que acordava exausta.

Eu ligava a tv e ficava assistindo novelas e filmes junto das ratas bailarinas Chanel.

Peguei no sono com o filme “Em algum lugar do passado”. Adoro esse filme. Que maravilha fazer autohipnose e viajar no tempo para encontrar seu amor. Adoro quando Elise diz para Richard dentro de um paradoxo temporal: — *Volte para mim*. Que narrativa!

Quando acordei de madrugada, eu estava suada, com muito calor e a cama cheia de gente. Ou quase isso. Percebi muitos olhos arregalados assistindo tv comigo.

Pedi para eles saírem e adormeci novamente sem querer.

No dia seguinte acordei atrasada. Olhei para os lados e só tinha eu na cama. Graças a Deus.

Deve ter sido sonho. Devaneio de uma mulher cansada.

Tranquei o quarto e segui o meu dia e minhas tarefas.

Voltei à noite para casa. Um silêncio total. Gente esquisita dessa hospedaria que não assiste tv nem ouve música.

Tomei um banho e planejei dormir ouvindo música relaxante essa noite.

Fui para cama e percebi que estava com fios de cabelo brancos no travesseiro. Parecia sintético. Meus cabelos são castanhos. Achei bem estranho, pois só eu que entro no quarto.

Percebi que as bailarinas Chanel sumiram. Onde se enfiaram?

Cai no sono ouvindo Moon River na voz de Audrey Hepburn. Que delícia. Coloquei meu vestido preto, sapatos finos, e imaginei-me com um croissant nas mãos em frente à Tiffany em Nova York. Oh vida boa.

Enquanto eu dormia, tive a sensação de que seres dançavam ao lado da minha cama. Fiquei cismada. Se fossem as irmãs Chanel, certamente me convidariam para dançar com elas.

Quando eu acordei tinham taças de champanhe, croissants roídos e cigarretes pelo quarto. Parecia que tinha ocorrido uma festa.

Nesse dia acordei decidida em falar com a proprietária madame Marie.

Eu falei, falei e ela nem deu bola. Cantarolava o tempo todo. Deve estar ficando surda pensei.

Não queria me atrasar para o trabalho e segui meus afazeres.

Mas o mundo estava cada dia mais estranho.

No café da manhã nunca mais vi Joana.

E me sentia ignorada por todos. Maldição de cidade grande.

Mas eu gostava tanto da Maison e daquele quarto que fui ficando, sabe. Perdi até a noção do tempo.

Preço bom. Perto do trabalho. Perto de tudo. O que mais eu podia querer?

Hoje cheguei cedo na casa.

Pensei, vou ver todo mundo circulando e fazer amizade.

Mas o povo era estranho. Estranhíssimo.

Fui para o quarto e acendi a luz. Tinha gente no meu quarto.

Fiz um escândalo. Mande-os embora. Mas não foram. Nem me deram bola.

Não entendi nada. O quarto era individual quando eu contratei.

Tinha dois casais rindo e jogando cartas no chão do meu quarto. Eram jovens. Bonitos.

Cansei de falar e nada. Desisti. Deitei na cama e adormeci ao som de “Do you want to dance?” de Johnny Rivers.

Acordei e vi tudo bagunçado. Salgadinhos no chão. Jogos de cartas espalhados. Não teve jeito. Já fui limpando tudo.

Mas, fiquei chateada. Madame Marie não podia fazer isso comigo.

Depois de arrumar tudo fui encontrar madame Marie na lavanderia. Ela lavava, esfregava, e tudo tinha perfume do campo de roupa lavada secando. Oh, cheiro bom.

Dessa vez ela parecia estar me ouvindo. Contei tudo. Parecia compreensiva.

Então assumi as rédeas e me mudei de quarto.

Entrei num quarto triplo fui logo escolhendo uma cama. Pensei: agora sim vou ter noites de paz e descanso.

Já estava deitada quando eu vi a Joana entrar. — *Ela voltou*, pensei. Não deu nem tempo de ficar feliz. Ela foi logo me enxotando e disse:

— *Vá para o quarto individual.*

Quando cheguei no quarto individual tinha mais gente.

Até quem já tinha morrido estava lá. Quem morreu de morte matada. E quem morreu de morte morrida. Era estranho. Estranhíssimo.

Eu era a única viva por ali.

Havia até uma cabeça flutuante na porta distribuindo senha, tipo Marie Antoinnete mascando chiclete.

Entrei brava. Aquele quarto era meu desde 1967. Madame Marie não podia fazer isso comigo. Sempre fui boa inquilina.

Nessa noite chorei e rezei ate dormir. Oh, tristeza. Só queria ficar quietinha no meu quarto individual ao som de Moon River.

No dia seguinte acordei num quarto novo só meu.

Madame Marie deve ter se conscientizado da minha situação.

Ganhei um quarto individual branco, com lençóis de seda brancos, vaso de cristal com flores cor de rosa, cortinas em tom pastel.

Ao fundo ouvi o som de Moon River que tirou um sorriso do meu rosto.

Eu pedi um croissant e um Martini a moça vestida de branco que trouxe um remédio em mãos.

Comecei a dançar de camisola azul. As ratas bailarinas Chanel voltaram. Dançamos juntas como sempre.

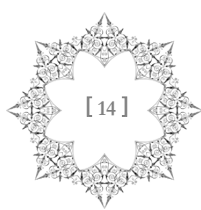
Sentia-me leve e feliz no meu quarto individual.

Pensei: — *Isso parece o céu.*

Que maravilha!

Foi sublime!

Nada como o meu quarto individual!



APRESENTAMOS O POEMA

7 SABEDORIAS **POR FLAVIO JOPPERT**

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

SATURNO

Desde nossa existência
nunca mais queremos voltar
à nossa origem.

Quanto mais vivemos
mais queremos viver

O Cronos desde então
nos separou dela.

PROMETEU

O castigo futuro é
a origem de toda
revolta existente.

VÊNUS

Diante do Espelho (mágico)
não tenho rugas.
“sou um lagarto bonito”

Ele decide, com
uma certa Mágica,

se ainda temos
tempo para amar.

DIANA

Me afastando da origem.
Urge da magia
para preservar a juventude.

Ter seu amor,
vontade de viver.

Sabendo do castigo futuro
origem da revolta.

ATIS

A noqueira carregada de frutos,
se enfeita com esquilos...

Muitas meninas
dariam a vida por um.

O castor é quem se castra
quando em cativeiro (castigo).

Não os esquilos.

Muitos encontram
uma vida carinhosa
com as meninas.

Basta saber amar.

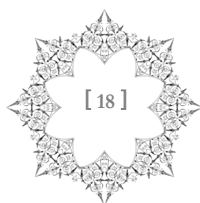
ERA (TERRA)

Quero ser eterno
como as estrelas do céu.
Não sou de matéria
melhor do que elas.

CONCÓRDIA

A 7^a. sabedoria é
encontrar a felicidade,
a vida é marcada pela
esperança de ser feliz.

Talvez a felicidade
se encontre longe
do labirinto
do Minotauro.



APRESENTAMOS
O CONTO

A ESCRITORA
POR ILKA MEIRELES

Ilka Vanessa Meireles Santos nasceu em São Luís – Maranhão, em 1977. É graduada e mestra em Letras e, atualmente, cursa o doutorado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Três Lagoas. Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Maranhão – Campus Santa Inês, dedica-se ao ensino e à pesquisa em sua área. Encontra na escrita um território de descoberta e sensibilidade.

— Sabe, Paulo, há muito tempo que não tinha um sarau literário aqui, na mansão.

— Sim, meu caro, Felipe Assunção! Devo admitir que você fez muito bem em contratar uma preceptora para sua filha. Ela trouxe vida a esta casa. Aliás, desde que sua esposa faleceu nunca o vi tão animado!

— Tenho que voltar a viver, meu amigo, pois tenho uma filha que depende muito de mim. Tive sorte na contratação de dona Alice, uma preceptora inglesa, que tem operado verdadeiros milagres na educação da minha filha, pois não vê o sarau que ela organizou?!

— Achei formidável a ideia de a preceptora ter organizado este sarau e ter escolhido artistas que estão surgindo no cenário literário brasileiro, para fazer apresentação de suas produções. E, por falar em produção literária... Tem lido o jornal *O País* esses últimos dias?

— Não. Quais são as novidades?

— Tem uma coluna que costuma publicar vários textos, a maioria de mulheres. São textos leves, de vários gêneros. Inclusive, tem uma autora que costuma publicar com frequência, Ecila Wons. Quando puder, leia! Acredito que você vai gostar.

— Intrigante, *O País* resolver publicar textos de autoria feminina. De fato, os tempos estão mudando! As mulheres estão começando a conquistar mais espaço na sociedade.

— Estamos evoluindo, meu caro!

— Quando puder, farei a leitura. Estou precisando de leituras assim, que me façam companhia, mesmo estando sozinho.

— E... lá vem você com sua melancolia de novo! Vou mudar de assunto. E Laura, como está? Vejo que está animada com suas lições com a preceptora!

— Sim, está cada dia mais interessada nos livros. Outro dia, me contou sobre o seu desejo de ser escritora! Viu dona Alice escrevendo em seu caderno de anotações e leu alguns poemas, inclusive um *haikai*, que leu para mim, e era mais ou menos assim:

*Navegam as nuvens
Nos rascunhos de algodão
Desenhos do céu*

— Engraçado, a simplicidade desse texto que você disse, parece com aquela autora de que te falei.

— Ora, que bobagem! Esse *haikai* foi escrito por dona Alice!

— Bom, foi só uma impressão. Vamos aproveitar a festa! Afinal, estamos vivos e não podemos desperdiçar nenhum minuto.

Dias depois, Paulo vai visitar Felipe Assunção e leva o jornal do dia.

— Como vai o mais novo boêmio da cidade!?

— Ora, não me faça rir! Estou bem, Paulo! Aos poucos estou retornando aos prazeres da vida.

— Mas, e você, diga quais são as novas?

— Fui até a redação de *O País* na tentativa de descobrir algum contato da Ecila Wons.

— E você conseguiu?

— Não.

— Por quê?

— Quando pedi informações sobre Ecila Wons, os jornalistas se entreolharam antes de responder. Foi um silêncio rápido, mas estranho, como se escondessem algo maior do que um simples pseudônimo. Disseram, enfim, que a autora não deseja ser reconhecida. A maneira como falaram... não era apenas respeito. Havia receio.

— Que estranho! Geralmente, os escritores querem o foco da atenção.

— É. Mas, parece que esse não é o caso, meu caro Felipe.

— Se bem que, não podemos esquecer que deve ser difícil para uma mulher se declarar uma escritora. Estamos próximos à virada do século XX, mas, infelizmente, ainda existe muito preconceito e, por isso, muitas ainda assinam seus textos usando pseudônimos.

— Não tinha pensado nisso.

— Nesse caso, é melhor se conformar apenas com os seus textos no jornal. Vejo que você está com um exemplar em mãos. Ela publicou algum texto hoje?

— Sim, um soneto. Leia:

Infância

Inocente infância

Brincadeiras no quintal

Imaginação em abundância

Faz-de-conta natural

Sua criatividade nos faz sorrir

Inspiração da sua meninice

Olhando você colorir

Mais uma de suas peraltices!

*Descobertas múltiplas envolvidas
Prazer da invenção
Ingenuidade, gentileza e graça absolvidas*

*E nesse voo da distração
Inquietude do tempo atrevida
Indecifrável fase da diversão.*

— É uma leitura agradável. Vou começar a acompanhar essas publicações. Esse tipo de texto acalenta um coração sofrido.

— Sim, meu amigo! A literatura é terapia para alma.

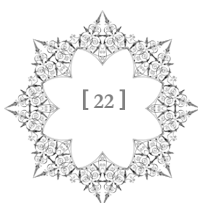
Felipe Assunção e Paulo foram interrompidos por dona Alice:

— Senhores, o chá está sendo servido na sala de jantar.

Na sala de jantar, sobre a mesa, estava o caderno de dona Alice Snow. A capa de couro, gasta nas bordas, parecia mais antiga do que o próprio mobiliário. Abriu o caderno com hesitação. As páginas estavam preenchidas por poemas e anotações em letra firme, elegantemente inclinada. Felipe olhou ao redor e não resiste. Abre o caderno com hesitação e lê uma de suas anotações.

Na manhã seguinte, o Sr. Assunção caminhou até a banca ainda envolto pela inquietação da noite anterior. Comprou *O País* e o abriu ali mesmo, no frio da rua. E, para sua surpresa, encontrou estes versos:

*Encantos e expectativas foram quebrados
Agora são vistos por olhos traídos
Pois só quem prova da dor, do desencanto
Entende o sabor da mágoa e da decepção (Ecila Wons)*



APRESENTAMOS O POEMA

ERA UMA VEZ UM CASTELO POR LEO SETH

Leo Seth é um jovem escritor, poeta e compositor de Mogi das Cruzes. Inspirado principalmente pelo romantismo gótico e pelo simbolismo, foi contemplado pelo Edital Federal "Eu Faço Cultura" com seu livro de estreia "A Garota de Cino Azul" e aborda também temáticas sociais, principalmente nos campos do TOC, doença que porta, e no da comunidade LGBTQIA+.

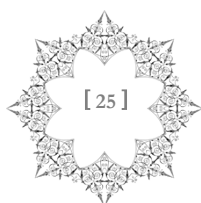
Também fora selecionado para antologias como "Leo Seth e Outros Autores", "Ridendo Castigat Mores", "Vozes do Éter" e "Labirintos", além de estar prestes a lançar sua segunda obra individual, "Ddukrop - A Lenda do Homem Autômato". Suas principais influências são Lord Byron, Augusto dos Anjos, Coelho Neto e Alphonsus de Guimaraens.

Vi-me no espelho: era um nobre cavaleiro
 E cravejada à preta fita, era mi 'a espada
 Meu broquel tinha sete pontas. Ó jornada:
 A ti, eu parto (como é-me costumeiro)
 Fito o Castelo. Desce a ponte levadiça
 Eu atravesso. Mi 'a coragem fora herdada
 Empunho a arma, limpo os pés, pois sou fagueiro
 A porta é feita da madeira mais maciça
 Bato a aldrava; abrem. Entro na morada
 É tudo em breu. A curiosidade atíça!

Para onde ir? O corredor, logo bifurca
 Qual dos dois lados leva ao quarto da princesa?
 Escolho a lógica? Intuo? N' há certeza
 Esta amplidão! É grande qual fosse uma urca!
 Um lado escolho. O direito. Acendo a tocha
 Ouço um rosnado, é o Dragão. Eu sou a presa!
 Se me devora, minha honra, ele conspurca
 Se me destrói, de minha alma, ele debocha
 Pego da espada, e demonstro mi 'a grandeza
 Minha coragem, a herdada, desabrocha

Há muitas portas. Se abro a falsa, ao mar, despenho
 No calabouço, ouço vozes, cruéis gritos
 Mas quem lá vive? Por que lá estão restritos?
 Vieram cá pela razão que eu também venho?
 Lá fora chove, a tocha oscila, tenho medo
 Vejo uma folha, serão mapas? Manuscritos?
 Símbolos! Neles, eu afundo, me embrenho
 Pautas, poemas, tudo de um citaredo
 São, suas notas e seus versos, mui bonitos
 E na galocha, eu os guardo, em segredo

Outra vez eu me ponho atento ao Castelo
É circular a escada, já estou no cimo
Há uma porta; antiga, em musgo, muito limo
Nela, uma fresta, tiro o elmo, me revelo
E nesse instante meu olhar se arregala:
É a Princesa! Fico alegre. Me aproximo
Que linda moça, a fulgurar, que olhar belo!
"Não tenho a chave, e há um trinco!" Ela se abala
Pois desse esforço me abstenho, me eximo
Sem ter a chave, só me resta contemplá-la...



APRESENTAMOS
O CONTO

***ELIAS E O RELÓGIO
INVISÍVEL DO MUNDO***
POR PAULYNE KALIL

Paulyne Kalil é educadora, gestora escolar e escritora carioca. Graduada em Pedagogia, com especialização em Gestão Escolar, Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional, dedica-se há mais de duas décadas à educação pública e à escrita sensível sobre identidade, inclusão, neurodiversidade e empoderamento feminino.

Autora de obras que unem emoção, reflexão e consciência social, Paulyne Kalil já escreveu muito, mas publicou pouco, e sempre com propósito. É autora do livro infantojuvenil *Rio, Capital da Matemática e da Alegria* e conquistou o 1º lugar no Prêmio da Biblioteca Lydia Frayze, categoria 4, com o texto *Pontes de Ser*. Publicou também, em coautoria, o artigo *Aprender a ouvir: o desenvolvimento da escuta ativa nas práticas pedagógicas da Educação Básica*, na *Revista Aracê*. Seu trabalho literário atravessa o romance, o conto e a poesia, sempre com olhar humanizado para as experiências cotidianas. Foi finalista na seleção para a etapa final do 34º Concurso Nacional de Poesias Augusto dos Anjos e está entre as autoras finalistas do Concurso de Poetrix.

A vila de Areiabrandia era tão pequena que todo mundo sabia o nome de todo mundo, até das galinhas. Havia uma que se chamava Margarida e ciscava sempre no mesmo lugar, como se procurasse um segredo enterrado. Mas nenhum segredo da vila era tão curioso quanto o menino que surgiu numa manhã de vento doce, sentado sozinho na sombra do jambeiro, como se estivesse esperando alguém que já tivesse esquecido dele.

Ninguém viu Elias chegar. Ele não veio pela ponte, nem pela estrada de barro. Simplesmente apareceu ali, balançando as pernas, observando as folhas caírem como quem conversa com o tempo. E era exatamente isso que ele fazia, embora ninguém soubesse.

Elias tinha a pele escura e bonita, da cor da noite antes que as estrelas acordem. Seu brilho era quente, igual ao das pedras molhadas depois da chuva. Os olhos eram dois pontinhos de ouro concentrado, como fiapos de sol que se recusaram a ir embora. As crianças da vila, acostumadas com tudo meio igual, perceberam na hora que ele carregava algo diferente. Mas não era uma diferença que assustava. Era daquelas que deixam a gente curioso, igual quando a maré sobe devagar e parece que vai contar uma história.

Logo no primeiro dia, algumas crianças se aproximaram. Não disseram nada. Só ficaram olhando Elias, e ele olhou de volta, sorrindo daquele jeito que parece abraço. O silêncio entre eles não era estranho. Era sereno, como se todos tivessem encontrado um amigo antigo e só estivessem lembrando devagar.

O que ninguém sabia era o tamanho do segredo que Elias guardava, um segredo que não cabia em mochila nenhuma. Ele não era apenas um menino. Ele era Aion, o guardião do Tempo, vivendo escondido ali, com pés descalços e um sorriso que enganava os segundos. Nos passos lentos dele, as horas se espreguiçavam. Nos passos rápidos, os minutos se assustavam e corriam para se esconder. E quando ele piscava, parecia que o relógio do mundo dava uma pequena ajeitada, como alguém endireitando o travesseiro antes de dormir.

A vila não percebia isso de verdade, mas sentia. Às vezes, o dia demorava mais que o normal, especialmente quando Elias ria. Outras vezes, a tarde acabava num sopro, como se estivesse com vergonha de ficar. Mas ninguém desconfiava que tudo isso vinha do menino silencioso que conversava com o vento.

Elias gostava da vila. Gostava das árvores tortas, das pedras redondas, das casas coloridas e do cheiro de bolo de fubá que parecia morar no ar. Mas o que ele mais gostava

eram as crianças. Elas tinham uma maneira de olhar o mundo que fazia o Tempo descansar. Crianças não correm atrás do tempo e não tentam domá-lo. Elas só vivem. E isso deixava Aion feliz.

Com o passar dos dias, Elias virou parte da rotina. Acordava cedo, aparecia na porta da escola antes mesmo do sino tocar e ajudava a empurrar o portão quando emperrava. Era tão discreto quanto uma nuvem solitária, mas tão presente quanto o sol que aparecia mesmo nos dias nublados.

As crianças começaram a notar que tudo parecia mais leve quando ele estava por perto. A briga que ia começar não começava. O choro que estava quase saindo esquecia de cair. A fila do lanche até andava mais rápido. E a professora, dona Graça, comentava que era uma pena não conseguir colocar Elias dentro de um pote para deixar a sala mais tranquila todos os dias.

Certa manhã, enquanto os outros alunos coloriam desenhos de pássaros e árvores, Elias ficou olhando pela janela. As nuvens estavam correndo depressa, muito mais do que deveriam. Ele suspirou. O Tempo estava chamando. Quando isso acontecia, o ar ficava diferente, como se o mundo prendesse a respiração. Elias sabia que cedo ou tarde precisaria explicar tudo. Só não sabia como.

O chamado veio à noite, quando a lua apareceu redonda e cheia, com aquele brilho prateado que parece escutar pensamentos. Elias se levantou devagar da cama improvisada na casa de dona Ritinha, onde estava hospedado desde que chegara. A casa dormia. Mas o Tempo, não.

Ele saiu descalço, sentindo a terra fria sob os pés. Caminhou até o jambeiro, o mesmo lugar onde havia aparecido pela primeira vez. O ar ao redor tremia, como se estivesse sendo mexido por mãos invisíveis. Elias fechou os olhos e respirou fundo.

O Tempo se manifestou como um sussurro. Era uma voz antiga, sem som, que falava direto no peito dele. Dizia que estava cansado, que as horas estavam se perdendo, que memórias estavam caindo das prateleiras do mundo e sonhos estavam nascendo na hora errada. E dizia também que Elias precisava voltar.

Ele respondeu baixinho, mesmo sabendo que o Tempo entendia qualquer silêncio. Disse que ainda não. Contou que estava aprendendo a gostar da vila. Que havia crianças que esperavam por ele no recreio. Disse que o mundo podia esperar um pouco mais, porque ali ele tinha encontrado algo que não sabia que buscava: descanso.

O Tempo não insistiu. Nunca insistia. Apenas suspirou de volta, deslocando um vento leve. Elias sentiu a permissão silenciosa e voltou para casa. Mas seu coração ficou pesado como pedra molhada.

Na manhã seguinte, chegou atrasado pela primeira vez. As crianças estranharam. Lucas, o mais observador de todos, comentou que parecia que Elias tinha diminuído um pedacinho, como se alguém tivesse apagado uma linha do seu contorno.

Elias desviou o olhar. Ele não queria que ninguém se preocupasse.

Mas preocupação tem faro, e logo se espalhou.

Numa tarde muito quente, em que até as sombras pareciam cansadas, algo diferente aconteceu. Amora, uma das meninas, percebeu que o dia estava preso. O sol não se movia direito. Era como se estivesse tirando um cochilo de olhos abertos. As horas não passavam, ou passavam tão devagar que dava para ouvir.

Ela disse que achava que o dia não queria acabar.

As crianças olharam umas para as outras. Todas perceberam que aquilo tinha alguma coisa a ver com Elias.

Ele abaixou a cabeça. O segredo pesava demais.

Amora se aproximou e encostou a mão no ombro dele com a delicadeza de quem segura um passarinho.

Ela perguntou se estava tudo bem.

Elias engoliu devagar. Depois sentou no chão e convidou todos para sentarem com ele. Fez isso do jeito simples de quem chama os amigos para uma conversa na beira do rio. Mas no fundo, o que ele ia contar era enorme.

Olhou cada um nos olhos e começou.

Explicou que o Tempo não era uma coisa, nem uma linha, nem um relógio. Era um ser vivo, antigo, feito de memória e respiração. Tinha humor próprio, tinha dores, tinha cansaços e precisava ser cuidado para não se perder. Contou que ele, Elias, era Aion, guardião das horas, protetor dos segundos, aquele que guiava o ritmo invisível do universo.

As crianças ficaram em silêncio. A revelação era grande, mas não assustava. Às vezes, as verdades mais bonitas são as que cabem direitinho dentro da gente, mesmo sendo enormes.

Lucas foi o primeiro a falar. Quis saber se era por isso que todos gostavam tanto de Elias.

Elias sorriu triste. Disse que talvez fosse por isso. Ou talvez fosse apenas porque ele era ele, e que isso era suficiente.

Amora segurou a mão dele com firmeza e disse que se ele cuidava do Tempo, então eles cuidariam dele.

As outras crianças assentiram. Foi um gesto tão natural que parecia ensaiado. O coração de Elias, que estava murcho desde a noite anterior, se abriu igual flor no calor da manhã.

A partir daquele dia, algo mudou. As crianças passaram a dividir o peso do segredo, mesmo sem saber exatamente como ajudá-lo. Ficaram mais próximas, mais atentas e mais cuidadosas com o ritmo das coisas. Quando Elias ficava muito quieto, alguém o chamava para brincar. Quando parecia triste, contavam piadas. Quando demonstrava cansaço, faziam roda ao seu redor, como um abraço coletivo.

O Tempo... percebeu.

Uma tarde, enquanto Elias brincava de correr atrás das ondas na beira do rio, sentiu o mesmo sussurro da lua cheia. Mas dessa vez não havia pedido. Havia aceitação. O Tempo parecia dizer que podia esperar mais um pouco. Que o mundo podia aguardar. Que as horas estavam felizes por ele.

Elias entendeu. Pela primeira vez desde que chegara, sentiu-se livre. Não livre do seu dever, mas livre para escolher quando cumpri-lo. Sentiu-se menino. Sentiu-se pertencente. Sentiu-se vivo.

Naquela noite, as estrelas brilharam mais forte na pele dele. E, pela primeira vez, ele não tentou esconder. As crianças viram. Fizeram silêncio. E sorriram. Porque entenderam que, mesmo sendo mágico, Elias era delas.

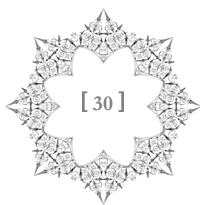
A vila inteira percebeu que o pôr do sol daquele dia demorou mais a acontecer. Não por erro, mas por carinho. O sol parecia se despedir devagar, como quem não tem pressa nenhuma de ir embora.

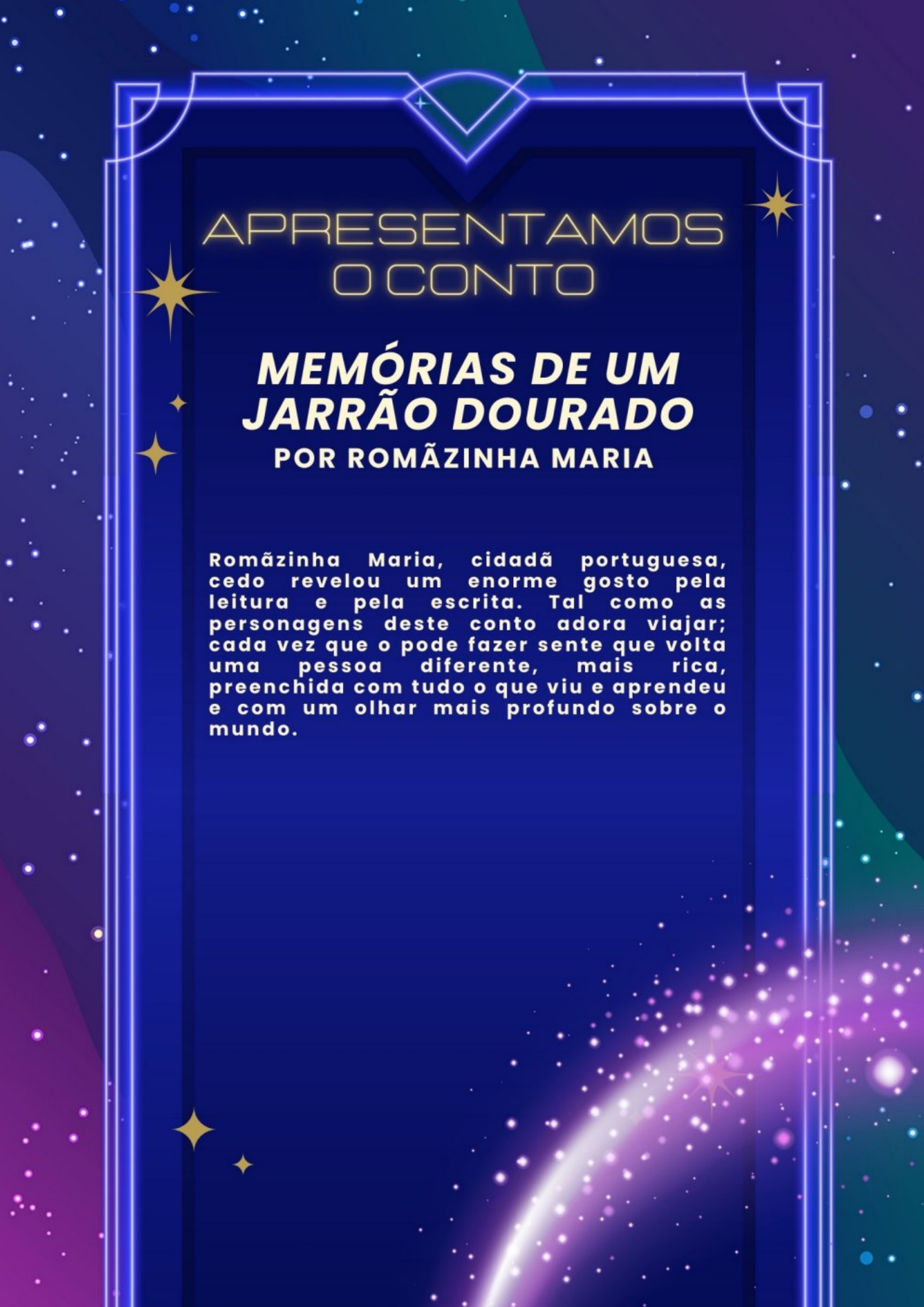
As horas seguiram seu caminho dali em diante, mais dóceis e mais leves. Parecia que o Tempo inteiro tinha encontrado um cantinho para respirar.

E Elias, o menino negro de sorriso calmo e olhar dourado, permaneceu onde seu coração escolheu ficar: entre amigos que o faziam querer existir mais um pouco todos os dias.

O guardião do Tempo ganhou tempo para si.

E o Tempo, encantado, deixou.





APRESENTAMOS
O CONTO

**MEMÓRIAS DE UM
JARRÃO DOURADO**
POR ROMÃZINHA MARIA

Romãzinha Maria, cidadã portuguesa, cedo revelou um enorme gosto pela leitura e pela escrita. Tal como as personagens deste conto adora viajar; cada vez que o pode fazer sente que volta uma pessoa diferente, mais rica, preenchida com tudo o que viu e aprendeu e com um olhar mais profundo sobre o mundo.

Naquela tarde, Leonor entrou no Museu quase por acaso. Chovia e ela procurava apenas um lugar para se abrigar. Os corredores estavam vazios e reinava um silêncio mais pesado do que o seu casaco encharcado.

Parou diante de uma vitrine com um jarrão decorativo; pareceu-lhe japonês ou então talvez tivesse apenas sido adornado de motivos orientais. Sem se aperceber da razão, decidiu não ler a legenda, apenas queria admirá-lo. E se ele tivesse uma história para lhe contar?

Sempre que visitava um museu gostava de ficar a olhar para as peças, ser ponte de diálogo entre a obra de arte e a sua mente. Só assim a linguagem dessa comunhão podia fluir e criar espaço para a poesia, para o encantamento e um lugar para os sonhos.

Absorta nos seus pensamentos pareceu-lhe ouvir um som, algo como um gotejar vindo do teto. Olhou para cima mas não havia qualquer sinal de humidade. Rapidamente percebeu que o som vinha de dentro do jarrão.

Aproximou-se, incrédula. A voz era leve e cantada, assemelhava-se ao eco do murmúrio do mar dentro de um búzio. Leonor piscou os olhos; estava cansada, decerto era tudo fruto da sua imaginação fértil, sempre desejosa de saltar barreiras e passar para o outro lado das brumas. Porém, o som cresceu e, numa voz madura, mas suave, continuou:

— Viajei dias sem fim pelo oceano, trouxeram-me cuidadosamente embrulhado, sobrevivi entre bravias tempestades e serenas calmarias. Dizem que nasci no Japão, algures em Kagoshima. Por vezes, não sei se é verdade ou se apenas o sonhei. Noutras alturas, sinto que trago dentro de mim as raízes japonesas, a essência e a cultura desse povo. Alguém insiste em contar que vivi há muitos, muitos anos, no Santuário de Kirishima Jingu.

Leonor recuou um passo, assustada, mas a voz persistiu segura e determinada:

— Procuro regressar, mas sempre que sonho com o Japão deparo-me com ruas desconhecidas, luzes néon velozes, comboios que eu nunca vi antes. Talvez o lugar onde nasci já não exista mais ou só exista em mim. É então que me convenço de que neste museu, nesta sala, sinto-me em casa, rodeado pelas outras peças orientais; como se fôssemos família perdida que se reuniu e aqui encontrou lar e amor.

O coração de Leonor apertou-se. Também ela, de certa forma, não tinha mais para onde regressar. A casa da infância já não é o que era; os amigos com quem costumava brincar no rio tinham seguido os seus caminhos, a aldeia perdera os rostos que ela tão

bem conheceria. De repente, sentiu uma estranha proximidade com aquele objeto imóvel. Mas, apesar do que estava a sentir como iria ela dizer isso àquele jarrão dourado? E, se o fizesse e alguém a ouvisse? Decerto iria acabar mal.

A voz calou-se, ficando novamente apenas o jarrão frio e silencioso. O guarda do museu apareceu no corredor, olhando-a com estranheza. Ela sorriu, como quem guarda um segredo que ninguém ousa contar.

Na rua, a chuva tinha parado. Respirou fundo, sentindo um ar novo, aquela sensação de vida nova e completa, como quem regressa duma viagem.

Nunca contou a ninguém o sucedido. Mas, desde aquele dia, sempre que ali passa, levanta os olhos para a janela da sala onde o jarrão repousa. Algo lhe diz que também ele sente a sua presença e a olha com a mesma cumplicidade no coração.

Ambos, cada um à sua maneira, guardam dentro de si memórias do passado, fragmentos das suas vidas, lugares que só vivem na memória e no coração de quem sonhando, aprende a sobreviver e decide amar.



APRESENTAMOS O POEMA

OUTRO MUNDO POR SELMA LUANNY

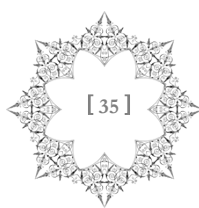
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

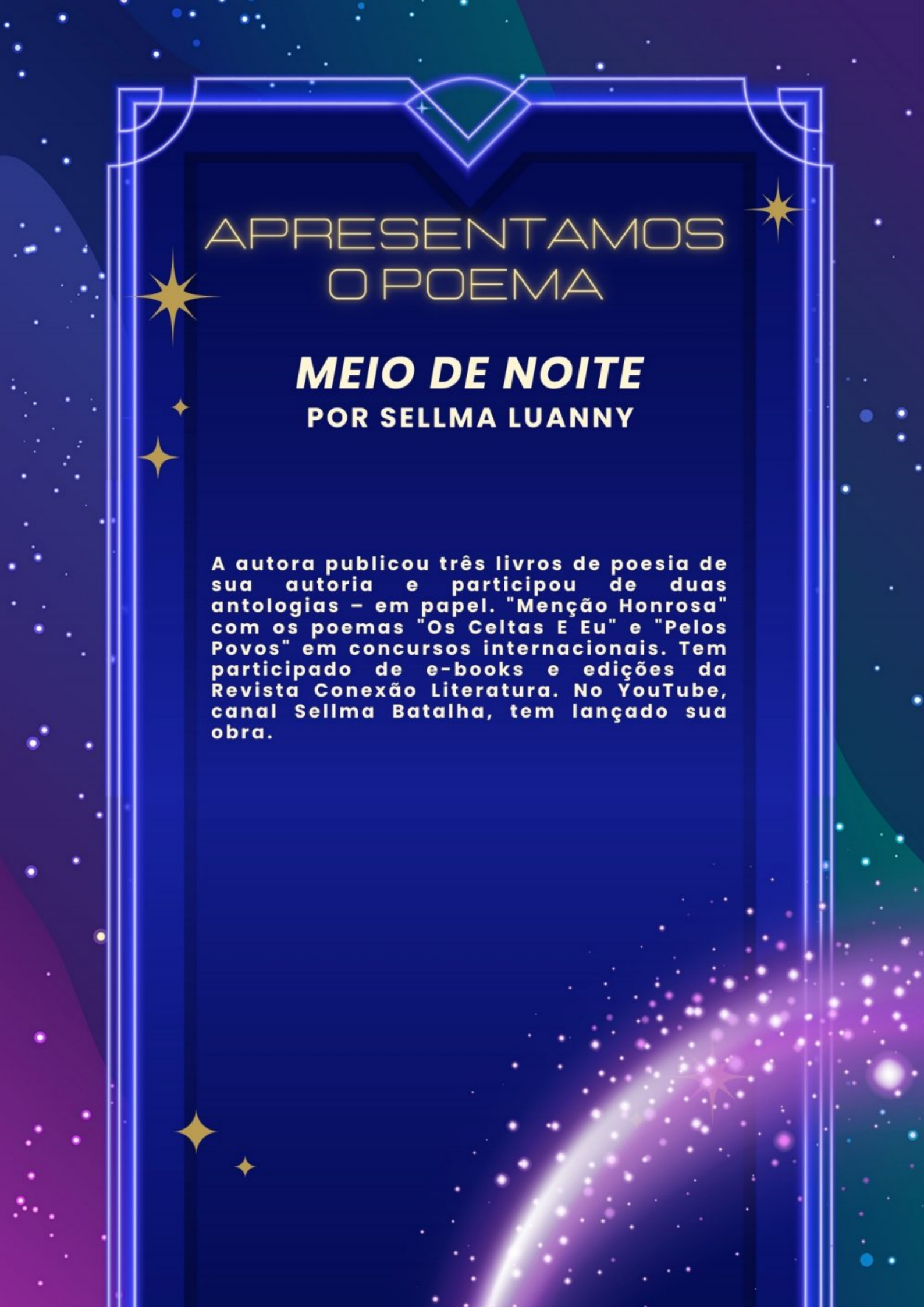
Amanheceu um outro mundo!
Após tantas cinzentas friorentas
e chuvosas subauroras...
neste ponto da Terra, para todos
o imponente Sol brilhou.

E a letra maiúscula, justificada.
Deles inconteste magnitude!
Um berço único por este astro-rei
numa indescritível e perdurável
viagem... privilegiado.

E eu boquiaberta passageira.
Com o céu azul e iluminado,
deslumbrante tudo o mais...
Tamanhas amplitude e beleza
em tudo refletidas.

Por essas dádivas nada em troca.
Solenes e autônomos astros...
por nós não giram. Na fábrica
do Cosmos... casual equilíbrio...
E a vida para todos, um bônus.



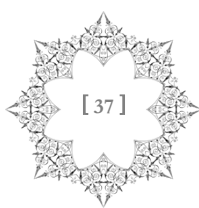


APRESENTAMOS O POEMA

MEIO DE NOITE POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Altas horas da noite... Acordei.
Longa e cansativa se fez.
Sem saída aproveitei.
O costumeiro repensar...
a minha agenda da semana...
do dia seguinte já imediata
— e mais além não deu para ir.
E fez-se luz... Num repente! Ainda bem!
Um provável deslize
a tempo de ser corrigido... Que alívio!
Acabei por rir da noite em xeque.
Aquele despertar crucial fora.
Uma cansativa mas venturosa noite
esclarecendo charadas... e salvando a hora.



APRESENTAMOS O CONTO

O ESPELHO POR SOPHIA ODARA

Assisense, hoje: escritora, autora, revisora, mãe e esposa. Desde seus primeiros escritos, falas, cenas e cantos viu-se na palavra e na arte, nelas estava bem. Percebeu logo. Jornalista formou-se, mas, ainda não era isso. Partiu para o Rio de Janeiro. Teatro e cinema estudou. Não era só isso. Voltou. Docente livre tornou-se. Libertou-se quando não se viu mais livre. Na academia foi até doutoranda em Educação. Acadêmico demais. Melhor sendo escritora e autora. Estar com sua família e consigo importa mais. Deixa-se em escrito. Escreve-se.

Era uma vez um espelho velho e malcuidado que suportava os segredos humanos e a presença mais real das pessoas por muitos séculos.

Ele desejava que não olhassem para ele e confabulassem o que de mais íntimo traziam.

Há anos não dormia mais, o peso de tudo que sabia e presenciou roubava a sua paz.

Queria estar em frente de quem não mais o faria de cúmplice de maldades que nunca foram suas.

Desejava ser o espelho de Branca de Neve...

O espelho era da mãe de Branca, mas, depois de sua morte, passou a ser da madrasta.

Ela todos os dias olhava para ele e dizia o quanto odiava estar naquela família, mas que se sujeitava pelo poder...

Por horas olhava para ele enquanto penteava seu cabelo... nos seus olhos o ódio e os planos sendo elaborados para acabar com a família real e usufruir de tudo que nunca conquistou.

O espelho, depois de tantos anos entre pessoas más e ardilosas, ainda tinha aquele olhar insano para olhá-lo todos os dias...

Desejava que algum pássaro entrasse pelo vitral e quebrasse-o por inteiro de maneira que não houvesse mais conserto.

Olhava os pássaros no céu e desejava a morte deles em si.

— Como posso desejar a morte de um inocente só para terminar minha existência?

Entristecia-se muito... era pior que todos eles... não era mais o espelho da doce Josefa a enrolar seus cachinhos e dar beijos com batom nele para gargalhar das marquinhas que nele deixava... cantava... cantava... cantava... sempre, antes de sair de sua frente, dizia: “meu espelho querido! Seremos sempre amigos!”

Josefa levou-o para seu quarto de casada e lá o espelho pôde ver a alegria inocente dela indo embora a cada dia. Em seu espelho, o confidente. “Sabe espelho... imaginava que meu casamento seria mais encantado dentro desse castelo, mas, é tão solitário estar casada aqui... queria voltar... (com os olhos em lágrimas de dor e arrependimentos) posso te dar um beijo? Passou o batom lentamente enquanto as lágrimas escorriam em seu rosto, no seu olhar a lembrança da menina que vivia um conto de fadas e amava olhar o espelho que chegava a chamar de amigo... olhou-o por algum tempo... e beijou-o em vários lugares tentando trazer de volta aquela que já sentia saudades porque não conseguia mais encontrar.

— Josefa! Estás louca? Não se arrumaste ainda para o jantar? Estás a beijar esse espelho? Nem a mim beijas assim!

— Ricardo! Não!

Num ímpeto seu esposo arremessou o espelho pela janela. Josefa desceu as escadarias aos prantos recolher o que restaria do seu amigo.

— Josefa!!!

Josefa havia caído. Ricardo e todos os empregados emudeceram. Ela estava imóvel, seu olhar permanecia aflito, mas agora, assustado e a lágrima insistia em cair.

— Perdão, Josefa... meu amor...

Josefa ainda vivia, foi posta numa cama, não disse mais uma palavra e parou seu choro. Não andaria mais. Não se importava.

Ricardo pediu para que o restaurador devolve-se à Josefa seu espelho intacto.

Josefa olhou profundamente para seu espelho restaurado. Tentou ver-se mais uma vez. Um olhar que jamais Josefa lhe lançou... havia indiferença... não mais significava... desejou matar toda memória do que era antes. Entregou-me a Ricardo.

— Leve-o a quem a alma não tenha amargado.

Ricardo sentiu-se profundamente culpado e quis logo fazer o que ela desejava.

Saiu pela floresta e avistou entre as flores uma linda menina correndo atrás de uma borboleta...

— Ei, menina! Como se chama? Gosta de espelho?

— Branca de Neve... sim... minha madrasta tem um, mas ninguém pode chegar perto...eu me vejo no lago e aproveito para brincar com as borboletas!

— De agora em diante, tens um espelho!

— Oh! Ele é tão lindo... mas, por que não o quiseste?

— Minha esposa quis dá-lo a alguém como você, alguém que lembrasse quem foi.

Ricardo baixou a cabeça escondendo seus olhos marejados.

— Vou indo, menina. Cuide bem do espelho e sejam felizes!

Como foi maravilhoso receber o abraço de Branca e dançar em seus braços! Que paz...nunca havia sentido nada igual...

Como queria ver seus olhos todos os dias em mim... seu sorriso... amava pentear o cabelo falando o que iria fazer em seu dia! Quando terminava, olhava-me bem fixamente e quase entristecia, acho que lembrava de sua mãe..., suspirava profundamente e saía correndo.

Como era bom viver ao lado de alguém assim... a maldade nunca a encontrava...

Um dia a madrasta passou pelo quarto de Branca e cismou comigo...

— Hum ... que maravilhoso espelho! O que essa criança quer com esse espelho?

Pegou-me e colocou-me em seu quarto. Jogou seu antigo espelho num canto qualquer do chão de seu quarto. Lá começava a me questionar quanto a possibilidade de haver alguém mais bonita que ela. No começo não entendi. Por que responder-lhe aquilo importava? Óbvio que havia, não restava dúvida de que era a Branca, mas jamais falaria...

Ela em sua loucura ouviu-me dizer o nome de Branca de Neve. Ouviu repetidas vezes, ainda que eu permanecesse imóvel sem dizer uma só palavra...

Como a protegeria dessa insana mulher invejosa?

Não pude...apenas, vi diante de mim mais uma vez a faceta de um ser humano desprezível que julgava em sua loucura que eu a incitava a ser a assassina que era.

Vi tudo. Desde o combinado com o caçador para matá-la, até a maçã envenenada que levaria até a menina...

Nunca mais vi Branca... e a madrasta não mais apareceu diante de mim...

Parece que Branca morreu e viveu outra vez. Não me causaria espanto saber que nem a morte a condenaria. Vi tudo naquele semblante em mim...

Nunca soube ao certo. Era louca. Branca era real.

Estou no mesmo quarto. Ninguém mais entrou aqui depois do grito de ódio da madrasta.

Quais serão os próximos olhos que olharão para mim? Quem em mim verá a si e permanecerá em festa consigo e com todos ao redor? Quem ao se contemplar não desistirá de quem, agora, vê? Que esteja bem com seu reflexo em mim... Desejo paz e perseverança para quem insistir em si e que não se desvie de mim. Eu vejo você e quero que aprecie sua companhia. Ame sua história, vou te revelando a cada dia... quero estar diante de você em contemplação, amando te ver.





APRESENTAMOS
O CONTO

***ALVIM, O GUARDIÃO
DO BOSQUE
ENCANTADO!***

**POR TATIANE DA SILVA
PEREIRA VEIGA**

Tatiane Veiga é uma estudante de Pedagogia e escritora, com algumas publicações em Antologias. Aprecia a literatura infantil, e gosta de escrever contos para as crianças.

Em um reino distante, escondido entre montanhas e vales, havia um bosque encantado onde viviam os dinks — seres pequenos, menores que as crianças humanas, com orelhas pontudas e olhos brilhantes como estrelas. Os dinks eram alegres, curiosos e possuíam uma conexão profunda com a natureza, capazes de entender a linguagem das plantas e dos animais. Eles passavam seus dias explorando as trilhas secretas, construindo pequenas casas feitas de folhas e galhos, e brincando sob as copas das árvores antigas.

As crianças do vilarejo próximo adoravam ouvir histórias sobre aquele lugar mágico, onde luzes mágicas — pequenas faíscas cintilantes que flutuavam no ar — dançavam ao entardecer, iluminando as folhas e criando um espetáculo de cores que parecia saído de um sonho. Essas luzes eram a manifestação da própria magia do bosque, protegendo seus habitantes e mantendo o equilíbrio da vida ali.

O bosque encantado era também lar de muitos animais que falavam. Raposas sábias, com pelagem dourada e voz suave, contavam histórias antigas; corujas misteriosas, guardiãs da noite, compartilhavam conselhos; e cervos gentis, com olhos profundos, guiavam os viajantes perdidos. Esses animais falantes eram amigos dos dinks e das crianças que, por acaso, conseguiam encontrar o caminho até aquele mundo secreto.

No coração do bosque vivia Alvim, o guardião de todo aquele mundo mágico. Alto e sereno, com cabelos prateados que brilhavam sob a luz da lua, Alvim possuía olhos que refletiam as estrelas e um sorriso tranquilo. Ele era o protetor do bosque, conhecendo cada árvore, cada riacho, e cada criatura que ali habitava. Seu dever era manter a paz e harmonia, protegendo os segredos do bosque contra qualquer ameaça.

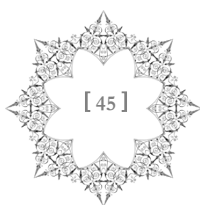
Certa noite, enquanto as luzes mágicas começavam a enfraquecer e desaparecer misteriosamente, Alvim sentiu um frio estranho no ar. Algo ameaçava a magia do bosque. Reuniu os dinks mais corajosos, algumas crianças do vilarejo que já haviam visitado o bosque, e os animais falantes para investigar o que estava acontecendo.

Durante a jornada, eles enfrentaram desafios inesperados: um nevoeiro escuro que tentava confundir seus passos, árvores que sussurravam avisos enigmáticos e sombras que tentavam afastá-los do caminho. Mas, unidos pela amizade e coragem, seguiram adiante.

No centro do bosque, descobriram uma antiga pedra mágica, fonte de energia das luzes, que estava sendo drenada por uma criatura sombria chamada Sombrix, um espírito que desejava apagar toda a magia para transformar o bosque em um lugar sombrio e vazio.

Alvim, com sua sabedoria e força, liderou a batalha contra Sombrix. Os dinks usaram sua agilidade para confundir o inimigo, as crianças trouxeram esperança e coragem, e os animais falantes uniram suas vozes em um cântico mágico que fortaleceu a pedra. Juntos, conseguiram banir Sombrix para longe, restaurando a luz e magia ao bosque.

Desde então, o bosque encantado continuou a ser um lugar de maravilhas, onde os dinks, as crianças, os animais falantes e as luzes mágicas coexistem sob a proteção vigilante de Alvim, o guardião eterno. E quem tem o coração puro pode, às vezes, ouvir o sussurro das folhas e ver as luzes dançando, lembrando que a magia nunca desaparece quando há união e coragem.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI